Sustentabilidade e bem-estar animal: sim, tudo a ver!

Prof. Augusto Hauber Gameiro

Laboratório de Análises Socioeconômicas e Ciência Animal

(www.facebook.com/LAE.FMVZ.USP)

Departamento de Nutrição e Produção Animal

Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia -

Universidade de São Paulo

gameiro@usp.br

Questionados sobre a eventual relação entre o que se entende por sustentabilidade e por bem-estar animal, usaremos este espaço no Boletim APAMVET para apresentar a minha visão sobre o assunto. Sem a pretensão de apresentar uma fundamentação formal e científica sobre o tema, irei apenas trazer algumas considerações empíricas a respeito.

Antes, porém, é preciso que uma premissa seja considerada: a de que nós, seres humanos, estamos em constante evolução, inclusive e principalmente, ética. Esta é a dimensão no complexo processo da evolução que nos interessa para o presente contexto. A Professora Terezinha Azerêdo Rios nos diz que ética é “o olhar agudo que procura descobrir os fundamentos dos valores, tendo como referência a dignidade humana e, como horizonte, a construção do bem comum”.

Em síntese, ética está relacionada, basicamente, à preocupação com algo além de si mesmo. Esse algo começa pelos familiares e se expande. Passa por outras pessoas próximas na sociedade, por outros seres desconhecidos da mesma espécie, por outros seres de espécies diferentes, e assim por diante, até chegar à preocupação com o planeta e o Universo. Talvez ainda estejamos no início remoto desse processo evolutivo, mas é fato que estamos em progresso. Particularmente, entendo que se trata de um processo contínuo, irreversível e, mais ainda, que se acelera com o tempo, em especial pela capacidade de aprendizado coletivo e da capacidade de transmissão de herança social, características essas que diferenciam o ser humano dos demais animais.

Ainda sobre a premissa da evolução ética, é necessário considerar que – diferentemente do que muitos críticos pensam – o ser humano tende a se preocupar

mais com os outros naturalmente e não apenas como consequência de uma necessidade de sobrevivência ou de utilidade. Para exemplificar, a defesa de políticas de redução de emissão de gases de efeito estufa é de fácil compreensão, porque se não o fizermos, correremos o risco de vivermos em um mundo de clima mais quente. Por outro lado, podemos nos preocupar com o risco de extinção do *Cheilinus undulatus*, que é um peixe oceânico que vive em corais na costa leste da África, sem termos muita (ou mesmo nenhuma!) ideia do porquê a existência dessa espécie seria importante para nós. Talvez sua existência até nem tenha importância prática alguma, mas poderia ter uma importância ética para algumas pessoas, e esta deve ser considerada. É essa ética “sem fins utilitários” que me parece cada vez mais relevante e que não pode ser desconsiderada nem desrespeitada. Em síntese, podemos nos preocupar com o outro, sem termos nenhum interesse direto com isso. Mas, mesmo assim, nos preocupamos; queremos o seu bem, como falamos coloquialmente. Por que cuidar? Porque fazer o bem nos faz bem, e basta.

Apesar de a ciência já nos ter dado evidências desse processo de evolução, não faz muito tempo que as instituições mundiais reconheceram-no, ao propor políticas mundiais para o desenvolvimento do bem comum. No início dos anos 1990, a FAO, Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura, lançou sua concepção sobre sustentabilidade para contemplar a garantia da obtenção e satisfação continuadas das necessidades humanas para a geração atual e para as futuras gerações. A preocupação com o ambiente e, consequentemente, com as gerações futuras que dele dependerão, estava no foco.

Atualmente, a teoria de sustentabilidade da FAO contempla a garantia dos direitos e do bem-estar humanos, sem reduzir a capacidade do planeta em manter a vida e sem ocorrer às custas do bem-estar de outros. Pode parecer pequena a mudança de concepção nesses vinte e poucos anos, mas não é. Fala-se de bem-estar humano, capacidade do planeta em manter a vida e bem-estar dos outros. Observa-se que “necessidade” foi substituída por “bem-estar”. Houve, portanto, uma expansão significativa da concepção de sustentabilidade, em pouco tempo. Parece-me mais uma demonstração do reflexo da nossa evolução.

Mas e o bem-estar animal, como se insere no contexto?

A própria FAO desenvolveu toda uma política em prol do bem-estar animal (visite: <http://www.fao.org/ag/againfo/themes/animal-welfare/en/> para melhor conhecê-la).

Existem paradoxos significativos para serem trabalhados na busca pela sustentabilidade, imaginando-se que o bem-estar animal está inserido nesta concepção.

De um lado, ainda temos 12,5% da população mundial que passa fome crônica (desnutrição estrutural). Sem querer endossar o discurso batido de que temos que acabar com a fome do(a) quem doer(ambiente, animais etc.) porém, de uma visão eminentemente pragmática, animais continuarão sendo fonte importante para o suprimento humano. Por outro lado, o aumento de renda de outra parte significativa da população – inclusive no Brasil – tem permitido que pessoas optem por dietas alternativas, que poupam certos impactos ao ambiente, inclusive sobre os animais. Temos, portanto, uma sociedade extremamente heterogênea, com necessidades, anseios e níveis de bem-estar diferentes, mas o fato é que o mundo é um só. E que, portanto, temos que estabelecer acordos entre os diferentes grupos sociais, sempre na tentativa de nos pautar por respeito, democracia, racionalidade e, principalmente, ética. Conflitos e tensões continuarão ocorrendo e teremos que saber lidar com eles.

Os segmentos produtores terão cada vez mais que se preocupar com as exigências éticas dos consumidores. Estes, por sua vez, também precisam compreender a complexidade existente por traz de um processo produtivo, especialmente o agropecuário. Há exageros dos dois lados: atrocidades acontecem todos os dias em fazendas e agroindústrias; mas preconceitos irracionais e exagerados também estão diariamente nas falas e ações de consumidores, especialmente os dos grandes centros urbanos, que desconhecem a complexidade da natureza e de sua exploração. Não há vilões ou mocinhos. Consumidor culpar produtor é um equívoco dos

mais perversos, mesmo porque não haveria produção se não fosse para atender ao consumo (uma das leis mais básicas da economia). Precisamos sim, melhorar a comunicação entre os diversos segmentos da sociedade. Colocar as cartas na mesa, dispondo-se para um diálogo aberto e transparente.

Parece-me que o acesso ao conhecimento, especialmente pelo avanço tecnológico nos meios de comunicação, será um fator cada vez mais decisivo no contexto. Informações poderão ser utilizadas para esclarecer as pessoas, para que possam tomar decisões mais esclarecidas e racionais. Marcas e produtos “mais éticos” certamente ganharão espaço. Campanhas “pró” ou “contra” alguma coisa serão cada vez mais recorrentes. E são muitíssimo bem vindas.

Os cientistas terão papel central nesse processo de revisão de sistemas produtivos. Novas tecnologias surgirão para pouparem recursos escassos. Não terão apenas que buscar tecnologias mais produtivas, como faziam (e a maioria ainda faz) até então. Terão que buscar produtividade associada à menor impacto ambiental e maior preocupação com a qualidade de vida dos animais. Paulatinamente estamos começando a presenciar o surgimento de grandes projetos de pesquisa multidisciplinares, alguns na grande área da Zootecnia e Recursos Pesqueiros.

Mas não está apenas na ciência a estratégia para seguirmos em busca do desenvolvimento e da evolução. Tento defender a tese de que, com o estoque de conhecimento que já temos, poderíamos – e muito – melhorar o bem-estar de milhares de animais de produção. Ainda temos problemas evidentes de má-nutrição, sanidade, ambiência, manejo e gestão, em todos os cantos do país, em todas as espécies. Já dispomos de soluções conhecidas, mas que, na prática, não aplicamos, independentemente do motivo. Jogar toda a responsabilidade da sustentabilidade e do bem-estar animal na ciência é um exagero e mesmo uma injustiça. Nós, técnicos, temos uma enorme responsabilidade no cotidiano. Responsabilidade de garantir condições mínimas de uma vida decente para os animais. Em muitas situações do dia a dia, sabemos como agir, mas nem sempre o fazemos da melhor forma.

Está na mão de todos nós a busca por um mundo mais sustentável, mais ético. Precisamos de mais respeito a nós mesmos, aos próximos, aos animais, e ao ambiente. É um processo que está acontecendo. E assim continuará. Talvez em um ritmo muito lento, para os mais ativistas. Talvez em um ritmo muito rápido, para os mais conservadores. Mas continuará. Ainda bem!

A